



# TRIBUNA Livre

6  
JULHO  
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR ANTONIO JOSÉ DA COSTA

CHefe DE REDACÇÃO JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: Irmãos BARBOSA DE MACEDO

Composição, Imprensa e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - III. 5113 - AMARES

## O novo Governador Civil do Distrito de Braga

### tomou ante-ontem posse no Ministério do Interior

Em cerimónia muito concorrida, realizada no gabinete do titular da pasta do Interior, tomou ante-ontem, à tarde, posse das funções de governador civil do distrito de Braga, o sr. dr. António Eduardo de Azevedo Abranches.

Além do ministro do Interior que conferiu a posse, estiveram presentes muitas outras individualidades, entre elas o titular da pasta das Corporações, os subsecretários de Estado da Assistência e do Orçamento, presidentes da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa, governadores civis de Lisboa, Porto, Bragança, Beja e Faro, comandante-

geral e presidente da Junta Central da L. P., etc. De Amares estiveram presentes o sr. dr. António José da Costa, nosso director, o sr. Paulo Barbosa de Macedo, presidente da A. dos B. Voluntários e o sr. Domingos M. da Silva, escritor.

Depois de lido e assinado o auto de posse, usou da palavra o ministro do Interior que começou por agradecer ao sr. coronel Nery Teixeira a dedicação com que exerceu o cargo durante um longo período e ao novo chefe do distrito o ter aceiteado o convite que lhe dirigiu.

(Continua na 4.ª página)

## O Sr. Doutor António Abranches é o novo Governador Civil do Distrito

Foi concedida a exoneração de Governador Civil de Braga ao sr. Tenente Coro-



Dr. António Eduardo Azevedo Abranches novo Governador Civil

União Nacional, desdobrando assim as suas actividades e dando mostra de indefectível dedicação ao regime que serve desde as primeiras horas.

Inteligente e culto conquistou no Distrito inúmeros amigos. Daí a muita satisfação que a sua nomeação causou em Braga e todos os concelhos sendo a sua actividade esperada com a maior ansiedade.

O Sr. Dr. António Abranches pertence a uma família destintíssima e já o seu saudoso pai serviu a Revolução Nacional desde o seu alvocer, mostrando-se um homem e um politico integro.

A aceitação do alto cargo para que foi nomeado foi feita com sacrificio. Pode, contudo, esse sacrificio ser amenizado e, estamos certos, que o vai ser, desde



Dr. Felicíssimo Campos Presidente da Comissão Distrital da U. N.

nel Armando Nery Teixeira, que desempenhava o cargo há dez anos.

Em sua substituição foi nomeado o sr. Dr. António Eduardo de Azevedo Abranches de Lemos e Meneses, distinto Juiz de Direito que desempenhava as funções de Juiz da 2.ª Instância do Tribunal das Execuções Fiscais e no nosso meio é bem conhecido.

O Sr. Dr. António Abranches fez o curso liceal na cidade de Braga e desempenhou as funções de Inspector da Polícia de Investigação Criminal, Governador Civil substituto e membro das Comissões Políticas da



António M. Santos da Cunha Presidente da C. de Braga

que os actos do seu Governo sejam acautados com a mesma unanimidade com que foi recebida a sua nomeação.

O distrito tem problemas a resolver que não podem sofrer novos adiamentos. Ao novo empossado não faltam méritos para lhes dar solução, mas é também preciso que quem ocupa lugares políticos ajude a essas soluções e se não andem a jogar caprichos reprovados

(Cont. na 4.ª pag.)

## Viagem Presidencial ao Brasil

IV

### Ligeiros Aspectos da Colonização Brasileira

(Continuação do núm. anterior)

Acabamos de descrever, superficialmente, o ciclo das descobertas de toda a costa brasileira, que se poderia dar por encerrado ainda anteriormente à morte de D. Manuel, conquanto se não tivesse atingido nessa altura a verdadeira fase da colonização intensiva a que se procedeu durante todo o reinado de D. João III, com

a instalação das donatarias e depois, decisivamente, com o governo geral instalado na Baía de Todos os Santos.

Há quem acuse os portugueses, injustamente, de não terem feito colonização durante os primeiros trinta anos.

O que se poderá dizer é que a colonização do Brasil foi diferente das outras, pois teve de ser precedida de um período de adaptação, em que foi possível

aclimatar o europeu às grandes tarefas que o esperavam na luta ingente que ia travar contra todos os elementos.

Se comparamos a nossa acção colonizadora com a de outros povos, saímos sempre engrandecidos, e, mesmo perante o extraordinário esforço colonizador dos espanhóis na América, não saímos diminuídos.

(Continua na 4.ª pag.)

## O Sporting de Braga na primeira divisão nacional

O futebol, esse desporto das multidões, com assento certo nas grandes manifestações humanas, teve no passado domingo um dos seus dias grandes, o maior dos que se têm vivido no nosso distrito.

Nesse desafio inesquecível o Sporting de Braga, esse glorioso clube que é tanto nosso como da cidade, discutia o ingresso na 1.ª divisão do futebol nacional, isto é, no lugar de honra a que tem direito.

Saiu-se a contento e conseguiu a promoção desejada. Só isso seria causa de muita satisfação e já mereceria os maiores encômios.

Mas o que se passou ultrapassa a simples citação a fazer a uma vitória desportiva com um golo para um lado e zero para outro.

Até aos cinco minutos do tempo regulamentar tudo foi normal e previsível e repete-se com frequência.

Daí em diante é que tudo é verdadeiramente empolgante e único como nunca tínhamos visto no género e talvez nunca se tenha passado um Portugal.

Alguns foguetes, e ao fundo, vindo da porta da maratona surge o rancho de Bonfim, vestido de azul e branco. Depois uma Banda de música, a seguir outra, mais grupos, tocatas etc.

E quando o árbitro dá o apito final um frêmito de entusiasmo, implícito, franco, unânime e único levanta a assistência. Uma mole imensa invade o campo e o relvado é palco de cenas potéticas de entusiasmo incrível.

Vimos lágrimas, exteriorizações de loucura, cenas incontáveis num cenário policromo filho duma emoção que rebentara incontida e incontível.

Espectáculo único, inenarrável que há-de perdurar como recordação perene nos olhos e nos sentimentos de todos.

A vitória não era do grupo, era da cidade, chegou a parecer e afirmou-se mesmo que era do norte.

Na verdade num abraço de que só o desporto é capaz irmanavam-se nas aclamações adeptas de diferentes colectividades nor-

(Continua na 3.ª página)

# TRIBUNA CINEMATOGRAFICA

## O cinema e os costumes

Por Joaquim Monteiro (Jorge)

Houve uma fase de decrepitude moral, com estrutura escandalosa, no universo cinematográfico. Convém realçar que essa fase vergonhosa na história do cinema não se justificou na obra filmicã mas no convívio social dos actores, na vida colectiva do clã cinematográfico.

Quem ler a história do cinema deparará com essas páginas lúbricas e terrivelmente imorais. É um espectáculo deprimente com algo de comum, nas suas linhas gerais, com o que conhecemos do império Romano, na época de Nero e um pouco mais para diante. Isto para não entrarmos no pormenor. Custa a crer que tal decrepitude moral no ambiente social se verifique no mundo da arte, mas a verdade é que ela se verifica. Decrepitude que muitas vezes toma o carácter de escândalo. Vincadamente social ela exerce grande influência na vida e nos costumes. Não admira, pois, que ao cinema fossem impostas pesadas restrições e contra ele se erguessem vozes acusadoras e se conjugassem esforços no sentido de impedir que, num futuro próximo, os filmes trouxessem nas suas obras o espírito imoral e desregrado da vida que os actores faziam alarde. A censura cinematográfica foi uma necessidade se analisarmos imparcialmente a história do cinema, em todos os seus acontecimentos e factos.

Foi na América que isto aconteceu e é na América que a censura toma um carácter doutrinário. Todo o mundo, mais tarde, lhe seguiria os passos e a arte cinematográfica lutando contra uma lei cujos princípios lhe manietava a liberdade de expressão, levou anos a reeducar-se e a integrar-se, verdadeiramente, na sua missão. A censura, podemos reconhecê-lo hoje, não impede a liberdade de expressão artística do cinema, se essa liberdade de expressão se não torna em meio de propaganda para impôr uma ideia ou um conceito filosófico de determinado grupo e de convicção artística, cujos costumes sociais não estão de harmonia com os preceitos universais da civilização. O homem pode viver como muito bem entender mas torna-se num assassino se, não contente com a sua perdição individual, faz propósito de injectar nos outros homens o vírus venenoso de que o seu espírito está impregnado. Era o que poderia ter acontecido se, perante a evolução escandalosa do actor de cinema americano, a censura, com as suas sociedades e clubes de Decência e quejandos, não lançasse o peso da sua força e da sua doutrina de sanidade social.

O que ontem foi movimento em defesa da vida e dos costumes é hoje salvaguarda da humanidade contra a ideia e o pensamento subversivo na linguagem cinematográfica. O problema, hoje, é de inteligência e de formação intelectual.



WYLLIAM HOLDEN

A preocupação do cinema actual incide no problema social, na situação do homem em face da vida e nos seus problemas mais urgentes. O humano devora todas as ideias, todos os espíritos. Captar o real e verdadeiro movimento da vida, num ritmo de sucessão de realidade viva, é este o aspecto primordial da arte cinematográfica dos nossos dias. O cinema está na sua grande e notável fase de humanismo e de doutrina. A linguagem cinematográfica personalisa-se, é mais universal do que nunca. Não tememos pelo seu futuro na medida em que confiamos na honestidade dos directores e na seriedade e competência das organizações culturais e formativas que se operam na massa para valorização e compreensão da mensagem social do cinema do após guerra.

Se analisarmos atentamente os filmes de carácter social que têm vindo até nós, podemos verificar que se delinía uma preocupação religiosa (?) de certo modo dramática e pungente. Há um anseio de felicidade terrena, mas uma esperança de encontrar de novo a face de Deus, no altar da crucificação diária da nossa vida. *Deus precisa dos homens. A guerra de Deus. O Renegado. Que Deus me castigue, Judas*, são grandes exemplos.

A pesar disto temos ainda a considerar o cinema religioso puro como a *Paixão segundo S. Mateus e Maria Madalena*, obras que nada mais são que simples quadros de mística religiosidade cristã. Da mesma maneira e com o mesmo interesse, o público acorreu admirando imenso as mencionadas obras cinematográficas.

Podemos concluir que, apesar de todas as vicissitudes, de todos os ataques e de todas as frentes contrárias que se opõe ao cinema religioso, este acaba por ter público. Mas há ainda muito a aprender e longa é a tarefa quer dos actores quer dos realizadores cinematográficos.

## WILLIAM HOLDEN, actor favorito da Paramount

Seja qual for o papel que confiem a WILLIAM HOLDEN, que ele não somente o torna vivido mas como também extraordinariamente real e apaixonante. Isto exige talento interpretativo natural, sem mistificações, sendo necessário, ainda, ser-se um bom actor. E Holden é um excelente actor.

O talento de William Holden foi imposto a golpes de audácia e com esforços sem conta. O actor trabalhou bastante para que a sua personalidade fosse aceite pelo público, que durante muito tempo

lhe negou o aplauso merecido. Deu-se com Holden o que se deu com John Gilbert e com tantos outros actores, entre os quais se devem destacar Humphrey Bogart e Van Johnson. Repudiados pelo público tornaram-se, nas idades maduras das suas vidas, os preferidos das plateias.

A carreira de William Holden começou acertadamente com o seu trabalho em *Inferno na Terra (Stalag 17)*, de Billy Wilder, cuja interpretação magistral lhe concedeu um Oscar em 1953, consagração essa que lhe devia ter sido já concedida pelo papel que desempenhou em *O Crepúsculo dos Deuses*.

Presentemente, Holden é um dos actores mais em evidência e muito procurado pelos produtores e realizadores de nomeada.

Em rápida sucessão, durante os meses últimos de 1953 e os primeiros do ano seguinte, num período total de oito meses, Bill foi protagonista de quatro filmes, todos eles importantes: *Sabrina, As Pontes de Toko-Ri e Para Sempre* foram três desses quatro filmes.

Em 1955 protagonizou *A Colina da Saudade e Piquenique*. O ano passado, ao lado de Deborah Kerr, interpretou *Ela Amou um Bruto*, que há pouco tempo foi exibido em Braga, no Teatro Circo.

A sua actividade iniciou-se na Columbia, onde apareceu em *Golden Boy*, em 1938. Aquele foi o seu primeiro trabalho para o cinema. Presentemente, William Holden é um dos actores favoritos da Paramount, com a qual assinou um contrato por 14 anos.

(Continua na 4.ª pagina)

A coisa passou-se num dos estúdios da Paramount, quando se trabalhava na progressão de algumas sequências da película *That Certain Feeling*, da qual é intérprete Bob Hope.

Para uma cena importante da comédia de Norman Panama e Melvin Frank, o conhecido comediante tinha de entrar numa sala carregando um barco verde na cabeça. Ao penetrar no recinto, Hope vê sua ex-esposa, que no filme é Eva Maria Saint (a estreada de *Há Lodo no Cais*), beijando o seu patrão. De raiua, Hope deixa cair o barco.

Do ponto de vista físico, essa cena é a mais difícil que o

## Coisas de Bob Hope... ou de Bing Crosby?!

querido comediante tem na película. E o director Panama não lhe tornou a tarefa mais fácil por insistir em diversos ensaios da dita cena.

Nisto, Bob Hope avistou o seu agente, que deambulava pelo estúdio. E gritou-lhe:

—Venha cá, se faz favor, e diga a este director se ele julga que está dirigindo o Tony Curtis!

Seguidamente, como todos se mantivessem calados, per-

guntou aos demais que por ali se encontravam:

—Quem teria escrito esta cena? Teria sido Bing Crosby??

Mais resignado, Bob Hope voltou a tomar posição e içou o barco para cima da cabeça.

—Você está pronto? perguntou Norman Panama, o realizador.

—Posso não estar, mas em geral não ando com embarca-

ções na cabeça — respondeu Bob.

Nesse instante, Nelvin Frank, sócio de Panama, teve uma ideia para melhorar a cena e chamou o director à parte. Co-chicharam por alguns minutos enquanto Bob ali estava com o barco dificilmente em equilíbrio.

—Vocês ainda se lembram de mim, o tal com o barco na cabeça?!... — gritou o actor impaciente.

—E que mal faz? — observou Panama. — Jeff Chandler faz isso todos os dias por desporto!

—Pode ser — explodiu Bob Hope. — Mas Jeff é meio indio!

Finalmente o director Panama deu ordem de reinício à filmagem. Bob saiu, tornou a entrar tropeçando, olhou para Eva e George (outro componente da cena, o que faz de patrão) e atirou o barco verde ao chão.

—Cortem! — Berrou Panama.

—Foi perfeito, Bob!

—Graças a Deus! — disse Bob Hope.

E atirou-se para cima duma cadeira, exausto e cansado, certamente pensando se a coisa lhe tinha sido dada por castigo por Bing Crosby...

# TRIBUNA do CONCELHO

## DIVAGANDO

Pelas Margens do Cávado

Como eu gosto de ver estas campinas  
Pelas águas do Cávado banhadas,  
Pujantes de verdura e matizadas  
Com as côres das papoilas e boninas!

Quando cáem do céu as orvalhadas  
Pelas serenas horas matutinas,  
Cintilam, por entre as leves neblinas,  
Em cada flor as gotas irisadas.

E consóante o sol vai avançando  
Na esfera azul e as sombras recuando,  
Novos encantos surgem das colinas;

Porque, centenas d'aves despertadas,  
Chegam, de toda a banda em revoadas  
Soltando ao ar alegres cavatinas!...

U E R B A

## Bombeiros Voluntários de AMARES

Esta Associação vai passar por uma remodelação do quadro de pessoal do corpo activo, pelo que se agradece a todos os amarenses que queiram prestar serviço nesta humanitária associação, o favor de se inscreverem, para se dar brevemente início aos respectivos exercícios de adestramento.

## DE VISITA

Acompanhado de sua esposa, encontra-se entre nós em gozo de férias e de visita a sua família, o nosso prezado amigo e assinante, Senhor Rogério Calheiros de Abreu, importante comerciante em Lisboa.

"Tribuna Livre, cumprimenta o ilustre visitante, desejando-lhe boas férias.

da ilustre casa da Boavista, desta Vila de Amares.

A toda a família enlutada e muito especialmente a sua desolada esposa, apresenta Tribuna Livre as mais sentidas condolências.

## AFOGOU-SE quando tomava banho

Quando tomava banho com outros companheiros, morreu afogado no rio Caldo, já nas serranias do Gerez, o jornalista António Pinheiro, de 20 anos de idade e residente na vizinha freguesia de Penascals, concelho de Vila Verde. Omalgrado trabalhador, com o grupo de companheiros, foi o primeiro a mergulhar, só tardiamente se apercebendo os outros do desastre. Supõe-se que tivesse batido com a cabeça numa pedra.

## CAIRES

Para Lisboa—Já se encontra na capital do Império a trabalhar no Aeródromo da Portela de Sacavém junto da Companhia de Aviação T. A. P., o nosso bom amigo Adelino Ferreira Rodrigues, antigo chefe escutista desta terra. No seu novo e glorioso trabalho desejamos muitas felicidades.

De visita — Deu-nos o prazer da sua muito estimada visita, o sr. Mário Praça, do Porto, e que deseja comprar a importante Quinta da Eira, do nosso lugar, do Paço. Os nossos votos de felicidades.

Santo António — Nos próxi-

## Vida elegante

### Aniversários

Fizeram anos:  
No passado dia 4, a menina Carolina de Azevedo Macedo.

Terça-feira—A sr.a Albina Cesteira.

Quarta-feira — A sr.a D. Luzia Pizão e a sr.a Maria da Conceição Ventura Moreira.

Sexta-feira — O sr. Mário de Abreu Dias e o sr. João Gualberto de Macedo.

Sábado — O sr. José de Abreu Dias.

mos dias 13 e 14 do corrente mês de Julho, vai realizar-se aqui uma imponente e magestosa festividade em honra de Santo António, grande Santo português. Tem a vez, agora, os briosos Antónios de Caires.

S. Pedro Fins—Para a grandiosa e tradicional Romaria de S. Pedro Fins, a realizar-se aqui no primeiro domingo de Agosto, está a preparar-se uma imponente excursão que virá de Lisboa, e que muito concorrerá para o brilhantismo da mesma; oxalá que as nossas queridas Autoridades façam deste formoso local, um centro de turismo e de jé. A comissão trabalha afanosamente para isso.

Aniversários natalícios — Celebraram os seus anos, no passado dia 3, o Rev. P.e João Martins de Freitas, de Caldelas; no dia 5, o Rev. P.e José Marques de Martim, Barcelos, e hoje, dia 6, o simpático menino e estudante brioso Horácio Luiz da Costa do Barrio, desta Vila.

A todos, muitas felicidades no Senhor.

P.e Calisto Vieira

## CONDIÇÕES de assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre . . . 25\$00  
Ano . . . . . 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre . . . 27\$00  
Ano . . . . . 52\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 40\$00  
Ano . . . . . 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre . . . 11\$00  
Ano . . . . . 23\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 60\$00  
Ano . . . . . 120\$00

## Marco do correio

Do nosso assinante sr. João Manuel da Costa e Silva, recebemos uma carta, dizendo-nos das várias manifestações que se realizaram no Porto em regozijo da subida do Sporting de Braga para a 1.ª Divisão do Nacional.

Por absoluta falta de espaço não nos é possível transcrevê-la, do que lhe pedimos desculpa.

## Novos assinantes

Tivemos o prazer de inscrever como novos assinantes os srs. Paulo Manuel Antunes e António de Jesus Antunes, nossos conterrâneos e actualmente no Canadá.

Gratos pelo bom acolhimento ao nosso jornal.

## Carta de Manaus

(Continuação da 6.ª página)

aguardar a sua chegada e vê-lo de perto.

Foi sem dúvida alguma mais uma demonstração de apreço que o povo de Manaus, tributou ao Grande Presidente da Nação Lusa.

Dia 23 — Antes do embarque para Belém do Pará, S. Ex.a e comitiva, assistiram a uma missa campal que foi cele-

## HUMORISMO

A hora feliz do homem...

— A sesta do meio dia é, para mim, a hora mais descansada e feliz do dia.

— Dormes bem?...

— Não. Dorme a minha mulher!

Pagou com a mesma moeda

Um parente do poeta Cesário Verde foi um certo dia saudado por um amigo desta maneira:

— Adeus, ó Azul!

Resposta pronta do outro:

— Adeus, ó troca-tintas....

Pela estrada

O polícia—Você não sabe que é proibido guiar carros de noite sem lanterna?

O cocheiro—Sei, sim senhor, Mas para que havia de servir a lanterna se o cavalo é cego.

brada às 7 horas no Aeroporto de Ponta Pelada, por Dom Alberto Gaudêncio Ramos arcebispo de Manaus.

J. A. M.

## Tribuna Desportiva

(Continuação 1.ª da pag.)

tenhas e no ar bandeiras de diferentes cores e com distintivos diversos tremulavam implidos por mãos animosas.

Era a alegria efusante. Por detrás da vitória estava a ajuda entusiasmada e prestigiosa, do Presidente da Câmara de Braga, o homem que dinamiza a cidade e a conduz. Junto a ele e com ele um conterrâneo nosso que tem a dita de dirigir o Sporting de Braga nesta hora feliz emprestando-lhe toda a sua vontade e saber, dando-lhe todo o seu esforço.

Nas páginas brilhantes do imortal clube o nome do dr. Tomé Gonçalves ficará gravado como a do dirigente que o comandou no momento difícil da arancada que o conduziria novamente ao convívio dos maiores e conseguiu essa aspiração.

No momento da manifestação dirigimos-lhes as nossas saudações por entre o clamor dum povo feliz, hoje dirigimo-las por intermédio deste paladino do nosso concelho.

É a terceira vez que o Sporting de Braga, disputa jogos desta natureza. É a terceira vez que sai vencedor.

Que não volte, tão cedo, a viver as horas de angustia que viveu embora tudo acabasse em beleza.

Que a cidade se levante e ajude o seu grupo de maneira a mantê-lo inalterável na 1.ª divisão.

Por hoje continuemos a conservar na retina dos nossos olhos o panorama inebriante daquele fim do desafio.

O futebol é tremendamente poderoso, a cidade de Braga é na verdade senhora dum a vitalidade única—até nos parece que já tem quarenta mil Santos da Cunha.

## NECROLOGIA

### FALECIMENTO

No dia 16 do mês de Junho findo, faleceu, na cidade de Lisboa, o nosso prezado amigo e assinante, Senhor Adriano de Oliveira, importante comerciante no Congo Belga, onde, até há bem pouco tempo, exerceu a sua actividade com o mais elevado prestígio.

O extinto, que contava 75 anos de idade, era casado com a Exma. Senhora Dona Maria Belém Calheiros de Abreu de Oliveira e cunhado dos nossos amigos José Maria e Francisco Calheiros de Abreu,

# Viagem Presidencial ao Brasil

Continuação da 1.ª página

Não podemos estabelecer, até, paralelo entre a grandeza colonizadora de Portugal e a de outras nações, porque ela foi inteiramente diferente nos métodos e incomparavelmente mais difícil na execução.

Enquanto que nós deparamos com o aborígene, nómada e antropófago, praticando ainda o nudismo absoluto e os costumes do homem primitivo da caverna, completamente pobre de bens e de civilização, os espanhóis encontram o grandioso império dos Incas, com uma civilização milenária só comparável à que encontramos na Índia, cheia de riquezas e saber.

Não havia em Santa Cruz nada que seduzisse: nem ouro e diamantes, nem especiarias, nem opulentos mercados, mas a floresta habitada por canibais e serpentes venenosas, serões inexpugnáveis em lugar de cidades, nada que pudesse ser aproveitado, à parte a modestíssima carga de pau brasil e canafístula, araras e bugios.

Tudo foi preciso fazer desde o início!

Aprender a linguagem e os costumes, desbravar, lançar a semente à terra e fazê-la chegar às almas; mas se o terreno era fértil, as almas mostravam-se estérteis, como depois se viu.

Se os primeiros colonos quiseram produzir alguma riqueza, tiveram de transferir a cana do açúcar da Madeira e dos Açores; do continente, especialmente de Entre Minho e Douro, os animais domésticos e de trabalho; com as alfaias agrícolas e com as sementes iam o boi e o cavalo, o carneiro, o suíno e a galinha, os rebanhos que se haviam de multiplicar nos planaltos da América do Sul.

Tudo aqui foi feito — em toda a descomunal extensão do território brasileiro — pelo labor lusitano, auxiliado pelo habitante negro de África, abnegado companheiro de trabalho.

Se a colonização da América do Norte — também a braços com o canibal — foi difícil, não se compara nos métodos nem na dificuldade à empresa empreendida pelos portugueses na América Austral que aguentaram, só por si, sem o concurso de outros povos, como lá sucedeu por obra de ingleses e irlandeses, franceses e flamengos, suecos, germanos e dinamarqueses. Os portugueses foram ensaiando a sua experiência colonizadora, já secular, dos arrendamentos em África e mais tarde o regime das doações da Madeira e Açores, para finalmente entrarem na fase definitiva da colonização, com o novo método federativo do governo geral, visto às circunstâncias especialíssimas do meio não terem resistido os outros sistemas que, digamos de passagem, também não foram em lado algum tornados regimes definitivo de coloniza-

ção, mas no Brasil muito menos.

Antes, porém, de se iniciar com Martim Afonso de Sousa a verdadeira fase colonizadora, havia outro importante problema a resolver e que resultava fortemente impeditivo de qualquer projecto sério de colonização. O mar e a costa brasileira estavam infestados de corsários franceses, que a despeito das múltiplas diligências feitas por D. João III junto da Corte Francesa, para resolver o caso diplomáticamente, continuavam a zombar do poder da armada imperial portuguesa e a diminuir a soberania lusitana em Terras de Santa Cruz.

Decide então o nosso Monarca enviar em 1526 o implacável Cristóvão Jacques, já conhecedor do Brasil através das suas anteriores expedições, que foi duro para com os inimigos, fustigando-os em toda a parte, no mar e em terra, rudemente, mesmo bárbaramente pelos métodos empregados.

Apreendeu barcos e trouxe prisioneiros, limpou os mares do Brasil com batalhas que honraram mais uma vez a heroicidade lusitana. Portugal arrancava assim à seita protestante de Calvino, o homem virgem da selva, para educar na sã doutrina católica, jornada esta que foi continuada por Martim Afonso de Sousa, o precursor da colonização brasileira, «O Pai Colonizador», como é evocado no monumento em projecto ao «Pai Português».

Parte de Lisboa a 3 de Dezembro de 1530 e expulsa os franceses de Pernambuco e do Maranhão e os holandeses do Recife.

Martim Afonso leva o título de governador e com ele os primeiros elementos sérios de colonização e, ao percorrer toda a costa até ao Rio da Prata, nessa altura ainda chamado por nós Rio de Santa Maria, faz escala em rios, ancoradouros e ilhas já representados nas suas cartas e põe-se em contacto com os colonos veteranos, que já haviam estabelecido, em muitas partes, preciosa convivência com os aborígenes e lhe iam bafejando os primeiros sinais de civilização à custa de muita tolerância e bom senso.

Ao chegar a Pernambuco a 17 de Fevereiro recolhe os doentes na feitoria ali existente, manda as caravelas «Rosa» e «Princesa» descobrir o Maranhão e envia João de Sousa a Portugal numa das caravelas apreendidas aos corsários; a 13 de Março chega à Baía de Todos os Santos, onde encontra Diogo Alvares, o Caramurú, que ali vivia há 22 anos e lhe «deu rezam larga do que nella havia».

Quando chega à Baía já ali havia uma boa obra colonizadora pelo povoador Caramurú, para que nos descreva assim Pero Lopes o contacto

de Martim Afonso com os naturais: «Os principaes homens da terra vieram fazer obediência ao capitão-mor; e nos trouxeram muito mantimento, e fizeram grande festa e bailados; mostrando muito prazer por sermos aqui vindos. O capitão lhes deu muitas dádivas. A gente desta terra é toda alba; os homens mui bem dispostos, e as mulheres mui formosas, que não hão nenhuma inveja às da Rua Nova de Lisboa».

Aqui deixa homens e sementes ao Caramurú para cultivar a terra.

Em Cananeia recebe informações de Pero Lobo e Francisco Chaves e com eles manda besteiros e arcabuseiros à Terra dos Incas.

Enquanto conserta em Guanabara as naus e constroi bergantins para exploração do Rio da Prata, manda durante dois meses sondar as terras próximas por quatro homens, que percorrem 115 léguas sem que se perdesse algum deles e regressaram com um chefe de tribu, o qual, depois de honrado e presenteado foi mandado novamente para a sua terra. Era já o bandeirismo que se começava a praticar.

O habitante de Guanabara, define-o assim o referido cronista Pero Lopes: «E' como o da Baía de Todos os Santos; senão quanto é mais gentil gente».

João Ramalho, como Diogo Alvares, tinham operado profunda transformação nos aborígenes, em que exerciam já grande influência os laços sanguíneos criados por estes dois grandes povoadores: os «Pais Povoadores» como se evocam no projectado monumento ao «Pai Português».

A' semelhança do que foi feito na Baía por Caramurú, em S. Vicente apetece o grande Ramalho a saudar Martim Afonso, trazendo a amizade de seu sogro Tipiriçá: dali guia a armada até ao porto de Piassaguera com destino ao aldeamento de Piratininga, aonde chega Martim Afonso, com a sua gente e os preciosos guias Tipiriçá e Ramalho, a 10 de Outubro de 1532.

A João Ramalho deve-se o maravilhoso feito de ter explorado a floresta e rompido caminho de S. Vicente até aos campos de Piratininga, vencendo os mais difíceis obstáculos. E' um dos grandes pioneiros da colonização brasileira e do bandeirismo. A' grande cidade de S. Paulo ficou para sempre ligado o nome de Ramalho e na sua genealogia figuram alguns dos melhores elementos da sociedade paulista. — EME

Continua este mesmo capítulo no próximo número.

## WILLIAN HOLDEN

(Continuação da 2.ª página)

É casado, desde 1941 com a ex-actriz Brenda Marshall, que vimos ao lado de Errol Flynn, em *O Gavião dos Mares*. Tem três filhos, dois rapazes e uma rapariga, que é a mais velha dos irmãos.

## Pensão do Eirado

DE José Maria Antunes

Quartos para vários preços, instalações modernas e quarto de banho, etc.



Telefone 6532

Termas Caldeas

## Posse do novo

# Governador Civil de Braga

(Continuação da 1.ª página)

Após outras considerações, lembrou que foi de Braga, que saiu a «arrancada do 28 de Maio», dizendo que «a trinta anos de distância mal damos conta do que representou a decisão dessa hora, de aquilo que esteve pendente nesse instante, em que de certo modo se decidiu a sorte do País».

Condenou o regime de partidos anterior a 1926, e referiu-se à entrada do sr. prof. Oliveira Salazar para o Governo a quem o povo outorgou «desde logo a sua confiança, porque desde logo também tomou consciência do que significava esse facto político para a vida e destino da Nação».

E terminou:

«Os portugueses conhecem suficientemente a história, para não se deixarem iludir por promessas; os portugueses sabem onde os levaria a mentalidade partidária no dia em que ela se substituisse à da compreensão e exaltação do bem comum».

Por isso, a palavra de ordem continua a ser: unidade e coesão».

Falou a seguir o coronel sr. Nery Teixeira, governador civil cessante, que agradeceu ao Governo os valiosos melhoramentos efectuados em Braga, durante os dez anos em que chefiou aquele distrito e ao ministro do Interior o apoio e a consideração que sempre lhe dispensou.

Encerrou a série de discursos o novo governador civil do distrito de Braga que agradeceu as palavras do sr. ministro do Interior, e, em seguida, saudou o chefe do Estado.

Expôs as razões que o levaram a aceitar o convite: «a circunstância de novamente poder servir o Go-

verno de Salazar», de quem fez o elogio, e o facto de, «após 17 anos, regressar à actividade política do distrito em cuja capital foi criado».

Falou dos laços sentimentais que o prendem a Braga e terminou por agradecer às pessoas que quiseram honrá-lo, assistindo ao acto da sua posse.

## Dr. António Abranches

(Continuação da 1.ª página)

por todos e que tanto mal causam aos concelhos que têm de ser suas vítimas.

O novo Governador, espirito culto e cheio de experiência, trás consigo a mensagem de esperança que os seus altos dotes lhe conferem. O nosso regosijo é profundo porquanto sabemos tratar-se de um homem público digno e a nossa confiança é absoluta.

O distrito está de parabéns e com ele todos os que se interessam pela justa solução dos seus problemas.

## Falecimento

Faleceu no passado dia 5 do corrente na sua residência à Casa de Queirões da freguesia de Barreiros, a Sra. D. Rosa Joaquina da Silva Leite Ribeiro, esposa do já falecido Avelino José Ribeiro e mãe dos Srs. cônego António José Ribeiro, Avelino Ribeiro e Domingos Ribeiro.

o seu funeral realiza-se hoje pelas dez horas para o cemitério local.

«Tribuna Livre» envia à família enlutada, as maiores condolências.

## Anúncias

no «Tribuna Livre»

## BEMVINDO

Saudação a S. Exa. Rev. O Senhor Bispo de Telmissus, por ocasião das Festas a Santo António, recitada pela menina Maria Isabel Costa e da autoria do nosso distinto colaborador UERBA:

*Vós vindes, Meu Senhor, p'la vez primeira  
Honrar a nossa terra, presidindo  
De Sant'António às festas, cujo povo  
P'la minha voz vos diz: sede bemvindo.*

*Escutai estas palmas que vos dá,  
Vibrantes d'entusiasmo e sentimento,  
São o eco fiel do coração  
Repercutindo o seu contentamento.*

*São todas as freguesias  
Dêste Concelho de Amares,  
Que para vos vir saudar  
Abandonaram seus lares.*

*São todas as criancinhas  
Aqui presentes, sorrindo,  
Que no seu olhar radiante  
Vos dizem: sede bemvindo.*

*São as ovelhas atentas  
À Vara do seu Pastor,  
Que vos prestam homenagem  
De gratidão e de amor.*

*Estas virtudes de sempre  
A vossos pés depositam  
Seus corações de cristãos  
Que jubilosos palpitam.*

*E agora abençoai  
Todo este povo fiel  
Que ajoelha e, reverente,  
Beija o vosso santo Anel.*

C. de Abreu

Quadra alusiva à entrega de duas pombas brancas a S. Excía. Revma., do nosso colaborador EME:

*Neste casal de pombas brancas,  
Símbolo de paz e de pureza,  
Vai a alma cristalina das crianças;  
E dos pais: a esperança, fê e gentileza.*

## Album de coisas várias

Não devem os meus dez leitores estranhar o silêncio em que caí, ausentando-me desta local. Esta secção tem sofrido bastantes interrupções desde a sua criação, não sendo para admirar, portanto, que uma vez mais eu me tivesse refugiado no buraco da mudez.

Talvez achasse que melhor seria «desaparecer» por algum tempo ou talvez compreendesse que estava a precisar dumhas curtas férias. Não interessa em qualquer dos casos. Gosto que me esqueçam, pois que quem um dia me julgar «morto», e for cardíaco, certamente que experimenta o maior dos colapsos ao dar, quando menos o esperar, com o meu aparecimento repentino!

Hoje, uma nesga de céu azul fez-me saltar da cama com uma leveza que julguei perdida para sempre e o sorriso da manhã, límpida, cáida, cheia de mistérios e atavios surpreendentes, acordou em mim a voz da poesia dumha juventude que eu tinha já como precocemente velha e ébria de lugares comuns.

O nosso próprio refúgio, livre, espontâneo, é o melhor dos mestres que podemos ouvir e ter entre as páginas não impressas do livro que temos na mezinha de cabeceira.

\* \* \*

Vistas e ponderadas bem as coisas, o *Album* apenas continua. Nem desapareci nem apareço: continuo. Estacionar, por momentos, nu-

ma caminhada que se iniciou não é, verdadeiramente, deixar de seguir o rumo das nossas tarefas.

Durante todo este tempo em que o *Album* estacionou, o mundo, dentro e fora do nosso País, não deixou de nos surpreender na epopeia evolutiva do seu destino. Muitas coisas alarmantes se registaram e a problemática da existência mantém-se com seus altos e baixos, suas dúvidas e incertezas. A França parece, uma vez mais, ter encontrado a tranquilidade e normalidade da sua política interna, e o Presidente da República Portuguesa regressou à Pátria depois da sua triunfal visita à Nação Irmã.

A proclividade da humanidade, mau agrado entaves e umã ou outra questão, tende a seguir o seu curso, com melhores ou piores momentos.

\* \* \*

Uma das notícias, no entanto, que mais gostei de ler, cortar e guardar, foi a que todos os nossos quotidianos publicaram sobre as regras estabelecidas pelo cardeal Pla y Daniel, bispo de Toledo e Primaz de Espanha, as quais se prontificam a chamar à realidade dos factos o viver moderno do padre metropolitano espanhol. As medidas tomadas pelo bispo de Toledo, pelo seu realismo e oportunidade, são das coisas mais importantes destes últimos tempos, que a voz autorizada e consciente se dignou fazer ouvir no sentido de chamar

às origens os ministros de Cristo Crucificado. Iguais medidas deviam ser tomadas, mas seriamente, cá por estes lados.

\* \* \*

Li e recortei a notícia. Eu sei muito bem que o catolicismo não são os padres, mas estes, pelo seu bom ou mau proceder, podem ditar o destino glorioso ou miserável das almas que eles têm por dever elevar para o Céu. O mundo está cheio de escândalos e porcarias. Mas se o mundo não perdoa, o Céu também não paga dividendos...

Joaquim Monteiro (Jorge)

### VENDE-SE

*Cão perdigueiro de boa raça. Novo e ensinado*

**Falar ao Snr.  
António Marques**

Urjaís-Paredes Secas Amares

### VINHO

**Vende-se**

doze pipas no lugar de Passos, 61

**AMARES**

**O nosso jornal, ao Do-**

**mingo, é vendido na Pen-**

**são Central a 'Petisqueira,**

Folhetim da "Tribuna Livre,, 28

## SEMPRE NOIVOS

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

Depois de uma leve genuflexão com o joelho e de se persignar, relançou um olhar para o local onde costumava estar a Maria Teresa e quando incidiu a vista sobre ela sentiu uma pulsação mais forte no coração a denunciar-lhe a sua presença.

Quase se pode asseverar que o José não voltara a ver o padre no altar, senão quando principiou a rezar a salvé-rainha, pois toda a sua atenção e olhar se concentraram no vulto gentil que estava ajoelhado junto do altar da Senhora do Livramento.

A Maria Teresa também não deve ter ouvido com verdadeira devoção o sacrifício da missa, visto que umas vezes por outras, embora quase que imperceptivelmente, voltava a linda cabeça para se certificar se o seu José, o seu noivo, ocupava o mesmo lugar de sempre, por baixo do côro.

Uma das vezes os seus olhares fitaram-se e cada um sentiu uma verdadeira aleluia de alegria no coração.

Dali em diante a linda, amorosa e trocista camponesa, em vez de seguir com atenção a missa, concentrou o seu pensamento, com verdadeiro enlevo, a examinar as perspectivas de que ia materializar, em arroubos de felicidade, o delicioso sonho das suas risonhas e perfumadas viúte e uma primavera!

Só despertou desse estado de profundas e amorosas cogitações quando os fiéis se levantavam para sair.

À pressa, e como que envergonhada, fez rapidamente o sinal da cruz e levantou-se.

Quando se voltou, olhou para debaixo do côro, mas o José já lá não estava, já tinha saído.

O namorado, logo que o acto religioso acabou, saiu e dirigiu-se imediatamente para a saída do adro, por onde a filha do Francisco do Monte havia de passar.

A Maria Teresa, toda garrida e bem disposta, como sempre, logo

que o viu, cumprimentou-o com um sorriso cheio de alegria e de confiança no futuro.

O José, todo embebecido, correspondeu-lhe de igual modo, indo ao seu encontro, já sem o mais leve acanhamento ou vergonha.

Depois de se cumprimentarem com terno e significativo aperto de mão, ela enfiou o braço no seu e seguiram a caminho do lugar do Monte, sem ligarem importância a possíveis tesouradas das outras pessoas.

— Oh! tia Anica — chamou a senhora Eufrásia — você já viu, nos dias da nossa vida, um descaramento destes!?

— O que foi, senhora vizinha?

— Então, a Maria Teresa, do Monte, não meteu o seu braço no do José do Outeiro!

Credo Santo Nome de Jesus, como as raparigas de hoje estão!

— Os tempos, agora, são outros, senhora Eufrásia.

Isto significa que passou a nossa era.

— Agora são os tempos da sem-vergonha, é o que é...

No nosso tempo, se alguma de nós fizesse o que hoje se vê, caía o Carmo e a Trindade!

— Olhe, eu nem sabia que eles se namoravam.

E deixe-me dizer-lhe que estou bem um para o outro, que fazem um lindo par.

— Lá isso parece que se namoram, mas andar o carro diante dos bois é que nunca andou no nosso tempo!

Ela não é desageitada... e ele é sã e escoreito, mas daí a fazerem um lindo par ainda tem muito que se lhe diga...

— No nosso tempo para uma rapariga dar um beijo num rapaz era o cabo dos trabalhos, era um caso sério; era preciso combinarem-se para uma horta, ou para um campo de centeio, ou de milho, e, antes de se beijarem, tinham de olhar para todos os lados, com sete olhos, a verem se estava alguém a espreitar.

Quanto a andar o carro diante dos bois, a senhora tem razão; mas lá geitosos são eles, embora a nossa idade lhe custe a ver a realidade das coisas na mocidade de agora...

— Sim, no nosso tempo, faziam-se as coisas mais recatadas, com todas as precauções e segurança, mas hoje, em dia, é o desaforo, é o que se vê... beijam-se às claras e diante de toda a gente!

Quanto ao resto há raparigas e rapazes que constituem pares que não invejam este.

(Continua)

## MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Continha, segundo consta, relíquias de um Santo, ou monge falecido com fama de santidade, que os frades deste mosteiro trouxeram do de Adaúfe.

O rapazio arrancou do órgão grande a maior parte das gaitas, indo tocar nelas pelas estradas e depois vendê-las a pêso.

Que desaforol...

As melhores alfaias religiosas e objectos do culto devem ter levado o mesmo destino dos que foram arrolados em Santa Maria de Bouro.

Tudo quanto parecia ter valor, foi desaparecendo na voragem.

Nada mais existe que desperte a cobiça de ladrões sacrilegos, a não ser a imponência e magestade dos altares no todo dos seus capitéis e talhas de ricos dourados.

Ainda lá está um volumoso e apreciável antifonário, de bons pergaminhos com curiosíssimas e originais iluminuras, entre outros mais vulgares, mas esse mesmo encontra-se em parte mutilado, pois, segundo consta, no tempo que permaneceu na côro, os «músicos», que nas diversas festividades ali iam cantar, cortavam-lhe folhas a canivete e levavam-nas nos bolsos para casa.

Tudo isto parece mentira, mas infelizmente é verdade!

A «Sagrada Família» que por acaso escapou a tão completa raziã, para, há bem pouco tempo ainda, ser também arrebatada do seu lugar, não por indivíduos da terra, essa logo ali voltou, graças às aturadas elouváveis diligências policiais, que acudiram a tempo.

Recebida festivamente pelos povos do sítio, foi posta a bom recato.

\* \* \*

Se estas tremendas atrocidades, estes crimes de lesa-arte, de lesa-Religião, mesmo de lesa-Pátria, se cometeram com gaudío e assentimento dos inimigos da Igreja, ao menos nunca deveriam passar despercebidos e impunes aos olhos dos poderes legitimamente constituídos, fosse qual fôsse o ideal religioso e mentalidade.

Fique aqui, pelo menos esboçada pela rama (que não se viu vantagem em fazê-lo mais profundamente), a eloquente lição de que não podem as «enérgicas populações nortenhas» cruzar os braços, deixar-se dominar de perigoso indiferentismo ao escolher-se quem as governe; abdicar daquela notável particularidade que Elisée Reclus tão sãbiamente lhes soube observar, e é de que sempre souberam, em tais circunstâncias, despertar de seu habitual alheamento e impor-se, mercê de natural e legítimo direito que lhes confere a sua mais que comprovada prioridade histórica.

Peçam a Deus que nesse sentido as ilumine e lhes depare sempre governantes à altura de respeitarem e fazerem respeitarem o sagrado património de seus maiores.

O Mosteiro de Rendufe, justamente considerado monumento nacional, ainda não chegou ali a obra de restauro a que por toda a parte o Estado Novo meteu decididamente os ombros e de que também aqui tanto se faz sentir a necessidade.

Haja esperança de que há-de chegar a sua vez, para que também nesta parte não se legue aos vindouros uma herança de ruínas sobre ruínas.

### 3.ª PARTE

## A GEIRA

CAP. I

Chama-se assim, possivelmente das muitas voltas, *giros*, como sugerem os entendidos, curvas e contracurvas com que vai zigzagueando (gíria) através das saliências e reentrâncias dos montes, o troço compreendido nas terras entre o Homem e Cávado, da via militar romana que da chancelaria de Braga se dirigia, por Orense, para Astorga.

Daqui atravessava a Espanha, penetrando na França até aos Alpes e, declinando sobre a Itália, terminava na capital do Império.

(Continua no próximo número)

## CARTA DE MANAUS

### S. Ex.a o General Craveiro Lopes e comitiva foram recebidos entusiasticamente nesta cidade

Manaus-21. As homenagens que a população de Manaus prestou ao Presidente Craveiro Lopes, foi o ponto alto de visita de S. Excia. à nossa cidade. Desde as primeiras horas da tarde a massa humana organizava-se ao longo das ruas e avenidas da cidade por onde deveria passar o insigne visitante a fim de render sua espontânea manifestação ao Chefe de Estado Luso.

Cerca de 2.000 mil pessoas compareceram ao Aeroporto Internacional de Ponta Pelada, para assistir às solenidades militares ocorridas logo após o desembarque de S. Excia. Na estação de passageiros registamos dentro outras autoridades, o Governador do Estado Dr. Plimio Ramos Coelho e suas respectivas Casa Civil e Militar, Deputado Xenofonte Antony, Presidente da Assembleia Legislativa, Arcebispo Dom. Alberto Gaudencio Ramos, Coronel Márcio de Menezes, Prefeito Gilberto Mestrinho, senadores da República, figuras do Corpo Consular, e personalidades da nossa alta sociedade.

#### Chegada do Avião Presidencial

O luxuoso «Viscount» da Presidência da Republica Brasileira aterrisou em Ponta Pelada às 16,47 horas. Quando S. Excia. desembarcou a Banda de Musica de Guarnição Federal executou o hino Português, e em seguida o Hino Brasileiro, notando-se as continências de estilo. A seguir o Governador do Estado trocou aperto de mão e abraços com o Presidente e demais figuras de sua comitiva.

Em carro aberto do Governo, S. Excia. passou revista às tropas formadas na pista do Aeroporto.

#### O cortejo

Seguido de Batedores da Policia do Exército, o Presidente Craveiro Lopes e Governador Plinio Coelho, secundados pelos automóveis da comitiva, em carro aberto, seguiram para o Hotel Amazonas. A passagem do Cortejo, a população de Manaus ovacionava delirantemente o emérito estadista Lusitano, que agradecia as manifestações.

A noite S. Excia. esteve em visita de cordialidade ao Governador do Estado. Daí rumaram para o Estádio General Osório em cujo local assistiram a danças folclóricas da região, findo o espectáculo S. Excia. regressou a seus aposentos cêrca de 23 horas.

Dia 22 — Eram precisamente 10 horas quando S. Ex.a chegou à Beneficente Portuguesa, em companhia do Governador do Estado e sua comitiva. Desde o portão principal do Edifício da Beneficente até

à escada que dá acesso ao interior do prédio estava totalmente atapetada, com flores pelos lados, para receberem o ilustre visitante.

Na entrada do edifício foram recebidos, por uma comissão, tendo à frente o presidente da instituição.

#### Visita às instalações

S. Ex.a percorreu ligeiramente as instalações do Hospital tendo ficado muito satisfeito com o que viu, principalmente nas salas de operações, dotadas dos mais modernos aparelhos cirúrgicos. Iniciando a solenidade o Comendador Agésilau Araújo, saudou em nome da Beneficente Portuguesa, o emérito estadista Luso, entregando-lhe a seguir o título de Presidente Honorário.

Agradecendo a homenagem que lhe estava sendo prestada S. Ex.a pronunciou um breve discurso, agradecendo.

Ao concluir o seu discurso, S. Ex.a inaugurou, no Salão Nobre, uma placa Evocativa dessa visita, com as fotografias do Presidente de Portugal e do Brasil.

#### Visita ao Luso Sporting Club

A seguir S. Ex.a dirigiu-se ao Luso Sporting Club, onde já encontrava uma grande assistência, tendo sido recebido pela Colônia Lusa e delirantemente aplaudido.

Abrindo a sessão usou da palavra o sr. Manuel de Oliveira e Silva, Presidente da Assembleia Geral, que entregou ao General Craveiro Lopes o Diploma de Presidente de Honra.

Agradecendo as homenagens prestadas, S. Ex.a fez um breve discurso, sendo atentamente ouvido por toda a assistência presente.

A Directoria do Luso, ofereceu a S. Ex.a um originalíssimo e riquíssimo presente artístico, trabalho executado pelo pintor Branco Silva, o qual representava um casco de tartaruga, ostentando em sua parte exterior, todas as lendas do Amazonas e os principais produtos da região.

#### Visita à Associação Comercial

Partindo do Luso S. Ex.a e comitiva, juntamente com o Governador do Estado, visitaram a Associação Comercial do Amazonas.

À entrada do edifício, S. Ex.a foi recebido por todos os directores da A. C. A.

A visita começou pelo museu, ficando S. Ex.a vivamente impressionado com as suas instalações, ouvindo atentamente todas as explicações que lhe eram dadas a respeito dos produtos da região.

Em seguida dirigiu-se ao Salão Nobre onde foi iniciada a Sessão Solene, presidida pelo Governador do Estado, tendo-lhe sido entregue o título de Sócio Honorário da Associação Comercial. Findo o acto, S. Ex.a e comitiva regressaram ao Hotel para almoço e descanso.

Às 16,30 visitou a Refinaria de Petróleo da Amazônia onde teve a oportunidade de constatar a capacidade de iniciativa do sr. Isaac Soléba e auxiliares, tendo percorrido a refinaria de ponta a ponta, recebendo os esclarecimentos necessários sobre o seu funcionamento e dados técnicos sobre a mesma manifestando-se, após a visita, sinceramente impressionado com a grandiosidade do empreendimento.

S. Ex.a regressou à cidade numa chatinha dos S. N. A. P. P.; tendo antes realizado um passeio fluvial ao encontro das águas, onde teve a oportunidade de admirar a beleza da confluência dos rios Negro e Solimões.

Às 20,30 do mesmo dia S. Ex.a e comitiva foram recepcionados no Teatro Amazonas com um banquete oferecido pelo Governo de Estado, ao qual compareceu todo o mundo oficial desta capital. No final do Banquete o Governador do Estado fez um importante discurso, o que S. Ex.a a seguir agradeceu, tendo sido conferidas várias comendas ao Governador Plinio Ramos Coelho, ao Comendador Agésilau Aroujo, ao sr. Jacob Benoliel, e ao sr. Mannel Cruz vice-consul em Manaus.

Após esse acto S. Ex.a e comitiva foram recepcionados no Atlético Rio Negro Club recebendo ali uma verdadeira ovação do povo que se havia postado nas imediações para

(Continua na 3.ª pagina)

**A MODELAR** TIPOGRAFIA  
ENCADERNAÇÃO  
PAPELARIA

Feira Nova-Amares

**A nossa oficina executa toda a espécie de trabalhos tipográficos. Descontos especiais aos assinantes deste Jornal. Fornecemos orçamento prévio quando pedido.**

**ESTAMOS JÁ A FORNECER  
ALGUNS ASSINANTES DO ULTRAMAR**